

**A encíclica do clima e o pecado ecológico**

Daniela Chiaretti, Jornal Valor Econômico, 19/06/2015

**Oportunidade histórica**

Carlos Nobre, Jornal Folha de São Paulo, 20/08/2015

**O maior subsídio do mundo**

Tasso Azevedo, Jornal O Globo, 27/05/2015

**Iluminismo estorricado: a razão arde no fogo do aquecimento global**

Marcelo Leite, Jornal Folha de São Paulo, 19/04/2015

19jun15

## **A encíclica do clima e o pecado ecológico**

Por **Daniela Chiaretti** | De São Paulo



O diabo, dizem, está nos detalhes. A encíclica papal sobre clima e ambiente parece ter levado isso em conta: versou, em minúcias, sobre a situação ambiental e passou com lupa na questão climática. A julgar pela reação inicial, o papa Francisco não só reforçou o debate para os mais de um bilhão de católicos como atingiu o epicentro dos céticos climáticos, os EUA.

Para a revista americana "New Republic", a encíclica aprofunda o abismo entre o Vaticano e os republicanos. Por três décadas, católicos neo-conservadores nos EUA tentaram demonstrar que havia confluência mesmo se a Igreja Católica tem tradição de crítica ao capitalismo desenfreado. Com a nova rota que o papa dá à Igreja, a tentativa parece improvável. "Toda a agenda neo-conservadora católica está em ruínas com o papa demandando justiça econômica e responsabilidade ambiental."

Nas 184 páginas da "Laudato sí, sobre o cuidado da casa comum" Francisco condena a cultura do descarte, critica a salvação dos bancos "a todo custo", defende a substituição gradual, mas sem demora, dos combustíveis fósseis.

Ambientalistas dizem que o documento é a melhor coisa que aconteceu no debate climático há décadas. A citação de Gavin Schmidt, climatologista da Nasa, resume esse espírito. "Não sou religioso. Mas a encíclica do papa terá, provavelmente, impacto maior do que as negociações em Paris", disse,

referindo-se à conferência do clima da ONU onde se espera seja fechado o acordo climático global.

Políticos conservadores acusaram o golpe. O ex-governador da Flórida Jeb Bush, em campanha presidencial, disse não aceitar política econômica de bispos, cardeais ou do papa. Depois baixou o tom. "Acredito em soluções tecnológicas para tudo", e o papa "é um líder incrível, mas melhor resolver este problema no foro político".

A indústria do petróleo evitou enfrentar o papa. Empresas disseram que estão fazendo esforços e investem em tecnologias que capturem carbono e coisa e tal. Think tank conservadores dos EUA e do Reino Unido buscaram roubar do papa seu principal argumento - a recorrente defesa dos pobres, os mais impactados pela mudança do clima. Foi constrangedor.

Christopher Monckton, um conhecido cético da mudança do clima, disse que a Igreja "deveria falar pelos pobres, que precisam de térmicas baratas a carvão." Essa é a mais antiquada e suja fonte de energia. Indicá-la aos mais pobres e privá-los de tecnologias modernas e limpas é uma indignidade.

O papa, é claro, falou de fé em sua encíclica. Na preocupação com o planeta, Francisco rompeu o dogma de que ciência e religião são como água e óleo, e colheu os frutos. "Não são os pobres, mas os ricos que estão colocando o planeta e a humanidade em risco", disse o renomado climatologista alemão John Schellnhuber.

John Zizoulas, líder da Igreja Ortodoxa grega, deu mensagem desconfortável aos católicos descontentes com o papa. "O bom relacionamento entre a humanidade e a Terra foi quebrado, e essa ruptura é pecado", disse. "A Igreja deve agora introduzir o pecado contra o meio ambiente, o pecado ecológico."

=====  
=====

**Folha 20ago15**

**CARLOS NOBRE**

### **Oportunidade histórica**

**Para deter o aquecimento global em 2°C será preciso uma radical descarbonização da economia mundial. Tarefa difícil, mas ainda possível**

O mundo está perdendo a janela de oportunidade para resolver a crise do clima. Para ter uma chance razoável de deter o aquecimento global em 2°C e evitar seus efeitos mais dramáticos, precisamos limitar todas as emissões de gás carbônico (CO<sub>2</sub>) a um trilhão de toneladas.

No ritmo atual, o "espaço seguro" de carbono para limitar o aquecimento global será ultrapassado em menos de 30 anos. Para atingir a meta de 2°C será necessária uma radical e urgente descarbonização da economia mundial. Tarefa difícil, mas ainda possível.

Um compromisso global com a descarbonização deverá ser firmado em dezembro deste ano, na Conferência do Clima de Paris. Até outubro, os países deverão apresentar propostas de corte de emissões, conhecidas como INDCs (da sigla em inglês Contribuições Pretendidas Nacionalmente Determinadas).

As trajetórias mais seguras para a humanidade exigem redução de emissões da ordem de 60% a 70% até meados deste século. Em outras palavras, as emissões per capita devem convergir para não mais do que duas toneladas de CO<sub>2</sub> equivalente (CO<sub>2</sub>e) em 2050.

Atualmente, as emissões anuais per capita de EUA (18,6 t de CO<sub>2</sub>e), Rússia (15,8 t), Alemanha (10 t), China (7,9 t) e Brasil (7,5 t) estão acima da emissão per capita global (6,4 t).

A soma das INDCs apresentadas até aqui, no entanto, é pouco auspiciosa: perfaz apenas 2% das reduções necessárias. Em 2030, cada americano estaria emitindo 17 t de CO<sub>2</sub>e; cada russo, 13 t, cada alemão, 8,8 t; e cada chinês, 9,6 t. Sob a ótica das emissões per capita, percebe-se que a convergência para os valores desejáveis é muito lenta.

Ao Brasil, Paris abre uma oportunidade histórica para continuar a dar o exemplo. Das atuais 7,5 t de CO<sub>2</sub>e anuais, podemos chegar a 4 t ao ano em

2030. Uma redução de mais de 40%. A meta já anunciada de restauração de 12 milhões de hectares de florestas até 2030, aliada à continuidade da queda de desmatamento, indica que é factível atingir emissões líquidas nulas em mudanças do uso da terra.

Com isso, a maior parte das emissões brasileiras se concentrariam em dois setores: agricultura e geração de energia. Na agricultura, as emissões aumentaram pouco mais de 4% de 2005 a 2012, mas o PIB agrícola cresceu 16% no mesmo período, mostrando tendência de maior eficiência, que pode ser acelerada com o Plano de Agricultura de Baixo Carbono, com tecnologias para aumentar produtividade e renda do produtor e reduzir emissões.

As emissões de energia têm crescido com o aumento da população e do PIB. É possível descascar as duas curvas até 2030 com eficiência energética e entrada de energias renováveis não tradicionais.

Estudos da UFRJ mostram que usinas eólicas e solares próximas a linhas de transmissão sofrem menos com a intermitência de fornecimento quando não há vento ou sol. Essas fontes podem gerar no mínimo 300 e 350 gW/h, respectivamente. É quatro vezes mais do que todo o nosso parque gerador atual.

Em suma, é possível ao Brasil atingir 4 t de CO<sub>2</sub>e per capita de emissões em 2030, com vantagens para a economia e para a população. Isso mostraria o caminho para a continuidade das reduções, com a meta de se chegar a 2 t per capita em 2050, quando nossa matriz energética seria quase 100% limpa e renovável. Esse é o país –e o mundo– sustentáveis que desejamos legar a nossos filhos.

**CARLOS A. NOBRE**, 64, climatologista, doutor pelo MIT - Instituto de Tecnologia de Massachusetts (EUA), é presidente da Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**GLOBO** - 27mai15

## **O maior subsídio do mundo**

### **TASSO AZEVEDO**

O número é indecente: US\$ 5,3 trilhões, isso mesmo, trilhões, de subsídios diretos e indiretos aos combustíveis fósseis no planeta por ano. Isso equivale a mais de 6% do PIB global e a mais do que todos os gastos de saúde em todo o planeta.

O cálculo não é de uma ONG radical, ou de um grupo de militantes antifósseis; longe disso, os dados são de um estudo publicado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e se baseiam na diferença entre os valores pagos pelos consumidores e os custos reais (*true cost*) dos combustíveis fósseis. Para chegar aos custos reais, os técnicos avaliaram os custos de suprimento e os danos que o consumo da energia causa às pessoas e ao meio ambiente.

Os subsídios diretos (valor do combustível abaixo do mercado internacional) somaram US\$ 333 bilhões; os impactos das emissões de gases de efeito estufa e consequente efeito sobre aquecimento global, outros US\$ 1,3 trilhão; e a poluição local nas cidades, a maior contribuição, US\$ 2,7 trilhões.

Somente os subsídios diretos superam todo o investimento recorde em energias renováveis em 2015, que foi de US\$ 315 bilhões, segundo dados da Agencia Internacional de Energia.

Os EUA e a China representam mais da metade dos subsídios, seguidos da Rússia, União Europeia, Índia e do Japão.

Segundo estudo, os subsídios também são ineficientes e injustos, uma vez que os diretos em geral são capturados pelos mais ricos e os impactos recaem em especial sobre os mais pobres.

Na primeira vez em que o estudo foi realizado em 2011, a estimativa era de US\$ 2 trilhões de subsídios. Uma avaliação mais acurada dos impactos econômicos da queima de combustíveis fósseis sobre a saúde humana foi o principal fator de mudança. Por exemplo, a Organização Mundial de Saúde estima que, anualmente, apenas na China, um milhão de pessoas tem morte

prematura em consequência da poluição gerada pela queima de carvão e derivados de petróleo para geração de energia elétrica e transporte.

A precificação da emissão de gases poluentes e de efeito estufa, conjugada com a retirada dos subsídios diretos aos combustíveis fósseis, permite direcionar recursos preciosos para garantir acesso à energia aos mais pobres e promover as fontes renováveis de energia. Segundo o FMI, o impacto de aplicar os custos reais aos combustíveis pode chegar a 3,5% de saldo positivo para o PIB Global. E que melhor momento para fazê-lo do que o momento em que os preços do petróleo e carvão despencam no mercado internacional?

Não temos tempo a perder. O momento para eliminar esta pesada conta para a humanidade é agora. Estaremos salvando não só a pele, como o bolso.

*Tasso Azevedo é engenheiro florestal*

**Folha – Ilustríssima - 19/04/2015 – p.3**

**Iluminismo estorricado:**

**a razão arde no fogo do aquecimento global**

**MARCELO LEITE**

*RESUMO* O escritor Jonathan Franzen, em ensaio na revista "The New Yorker", e o filósofo Dale Jamieson, no livro "Razão em Tempos Escuros", causaram polvorosa apontando o fracasso da luta contra o aquecimento global. Jamieson ao menos crê que a humanidade pode se adaptar, se banir o carvão e reciclar ideias morais corriqueiras.

Quando publicou o romance "Liberdade", em 2010, Jonathan Franzen incomodou a turma dos verdes ao narrar relações incestuosas de ambientalistas com magnatas da indústria. Agora se põe no ataque contra a própria "cause célèbre" do aquecimento global e caminha para se tornar, definitivamente, persona non grata no meio.

No centro da controvérsia está o ensaio "Carbon Capture -Has Climate Change Made it Harder for People to Care about Conservation?" (Captura de carbono "" A mudança do clima faz mais difícil que as pessoas se preocupem com conservação?). O texto saiu na edição de 6 de abril da revista "The New Yorker" e faz uma defesa apaixonada da fauna aviária, segundo ele relegada sob o imperialismo da questão climática.

O escritor colheu reações ácidas dos "climatistas", como a eles se refere. Uma das menos agressivas afirma que Franzen tem "cérebro de passarinho".

Seus críticos, no entanto, atiraram no que viram e erraram no que não viram: o fracasso da luta contra a mudança do clima. Parece mesmo bem limitada a dicotomia servida pelo romancista: ou salvamos o mundo e as futuras gerações do aquecimento global, ou preservamos os habitats e as espécies de pássaros sob risco de extinção ""hoje, não no fim do século.

Nada a estranhar, para quem abre o ensaio descrevendo-se como "alguém que se preocupa mais com pássaros do que [com] o próximo". O duplo sentido da frase parece proposital: Franzen declara nutrir um amor como o de São Francisco pelas criaturas presentes no seu campo de visão, ainda que focalizadas com um binóculo –e não tanto por seres humanos que ainda nem nasceram.



Sua irritação tem por alvo a National Audubon Society, organização ambientalista que se dedica à proteção de aves. Ele implicou com um comunicado à imprensa que fala na mudança do clima como "a maior ameaça" contra os pássaros americanos e divulga um estudo prevendo que, em 2080, quase metade das espécies estaria sob risco de perder seus habitats em consequência do aquecimento global.

Franzen enxerga aí um desvio de missão. A Audubon estaria afastando milhões de associados da tarefa de salvar as áreas de reprodução de pássaros de carne e osso e mobilizando-as num combate infrutífero. Para ele, o climatismo aliena: "A questão é se todos os que se preocupam com o ambiente estão obrigados a fazer do clima uma prioridade suprema".

"A mudança climática é sedutora para organizações que querem ser levadas a sério. Além de ser um meme pronto e acabado, é convenientemente imponderável", escreve. "A mudança do clima é culpa de todos –em outras palavras, de ninguém. Todos podemos nos sentir bem por deplorá-la."

## **NEGLIGÊNCIA**

Não faltaram "climatistas" para acusar o golpe. David Roberts, da revista "Grist", Joe Romm, da "Climate Progress", e Karl Mathiesen, do jornal britânico "The Guardian", se apegaram ao que consideram negligência jornalística de Franzen e da revista "The New Yorker" para atacar o ensaio e recusar a disjuntiva entre salvar o planeta ou salvar as aves.

Franzen teria lido só o "press release" da Audubon, não o estudo que não conseguiu achar (embora disponível na internet). Além disso, teria interesses ocultos: criticar a sociedade de observadores de pássaros para favorecer outra (American Bird Conservancy, ABC), de cujo conselho participa. Pior: a ABC também apontaria a mudança do clima como grave ameaça. E por aí vai.

Sintomaticamente, todos eles passam ao largo do que há de mais consistente e menos sentimental no ensaio de Franzen: as ideias que não são dele. No caso, o apoio para sua exasperação encontrado em "Reason in a Dark Time" [Oxford USA, R\$ 44,45, à venda em formato e-pub no site da livraria Cultura] (Razão em tempos sombrios), do filósofo Dale Jamieson.

É uma base sólida, e talvez por isso tenha sido ignorada. Jamieson se atreve, já no subtítulo, a escrever sobre o combate ao aquecimento global com o verbo no passado –"falhou". A quem vive para (ou vive de) propagar

que temos a obrigação moral de legar um mundo não devastado para futuras gerações, soa como uma heresia.

## **QUIXOTE**

Em junho fará 23 anos que quase duas centenas de países tentam pôr de pé um acordo internacional capaz de frear as emissões de gases do efeito estufa. A empreitada quixotesca começou no Rio, em 1992, deu passos titubeantes em Kyoto, em 1997, e se estatelou em Copenhague, em 2009.

Todos os olhos se voltam agora para dezembro deste ano, em Paris. Dessa nova conferência de cúpula sobre o clima, a 21<sup>a</sup>, deveria resultar um acordo de redução das emissões mundiais suficiente para impedir que a temperatura média da atmosfera ultrapasse 2 graus Celsius até o fim do século 21.

Não vai dar, como sabem todos que acompanham a questão. Mais alguns passos incrementais serão dados, quando muito.

E não poderia ser muito diferente, argumenta Jamieson, porque há demasiados obstáculos estruturais para a agenda do clima. O filósofo não se considera pessimista, mas realista. Afirma que não estamos num momento único da história e que não somos os primeiros nem seremos os últimos a tomar decisões e fazer coisas que afetarão o planeta e a vida de muitos, inclusive dos que não nasceram.

Jamieson não nega, veja bem, a realidade, o tamanho ou a importância da ameaça climática. Ele só considera que, por seu porte, ela esgota a ideia de que a razão nos faz senhores do destino da espécie e, vá lá, do mundo.

## **ILUMINISMO**

"A ação humana é o motor, mas parece que coisas, e não pessoas, detêm seu controle. Nossas corporações, governos, tecnologias, instituições e sistemas econômicos parecem ter vida própria. A sensação é a de vivermos em meio a uma perversão esquisita do sonho do Iluminismo."

A mudança climática não pode ser desfeita. Basta o carbono já lançado na atmosfera para que ele siga em transformação ao longo não só deste século mas deste milênio, pois os gases do efeito estufa ainda circularão por séculos a fio.

Podemos, se tanto, reduzir um pouco a velocidade da mudança e nos adaptar a ela. Contudo, transformar tal possibilidade em ações e políticas

públicas, argumenta o autor, vai contra a natureza humana e as intuições morais com que a seleção natural nos equipou.

"A evolução nos construiu para responder a movimentos rápidos de objetos de porte médio, não ao acúmulo lento de gases imperceptíveis na atmosfera", alega Jamieson. E completa: "A maioria de nós reage dramaticamente ao que percebemos, não ao que pensamos. Como resultado, mesmo aqueles de nós preocupados com a mudança do clima temos dificuldade em perceber sua urgência."

Em outras palavras, o fracasso em prevenir ou conter significativamente a mudança do clima reflete o empobrecimento da razão prática, a paralisia da política e os limites da nossa capacidade cognitiva e afetiva, pondera o filósofo. "Nada disso tem chance alguma de mudar em breve."

Além de adaptação (preparar a infraestrutura para efeitos do aquecimento global) e de se livrar tão cedo quanto possível da energia obtida do carvão, o mais poluente dos combustíveis fósseis, Jamieson tem poucas recomendações práticas a fazer.

### **ANTROPOCENO**

Mesmo isso dependeria de adequar à realidade alterada o sentido moral do senso comum, que lida tão mal com interesses alheios, não individuais e distantes. Só resta caminhar na direção do que ele chama de ética para o Antropoceno, "virtudes tradicionais, como humildade, virtudes reinterpretadas, como temperança, e novas virtudes, como consideração, simplicidade, cooperação e respeito pela natureza".

Não é muito diferente do que pediriam os críticos de Franzen, se não estivessem ofuscados pela miragem de um acordo messiânico na Cidade-Luz.

**MARCELO LEITE**, 57, colunista e repórter especial da **Folha**, autor de "Ciência, Use com Cuidado" (Ed. da Unicamp).